

EDUCAÇÃO EM VALORES: REFLETINDO SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES. Claudiele Carla Marques da Silva (PPG – FCT - UNESP); Maria Suzana De Stefano Menin (FCT - UNESP); Eixo temático: Formação Inicial e Continuada de Professores para a Educação Básica. Financiamento: CNPq/PIBIC.

Nesse artigo discutimos a necessidade da formação de professores para trabalhar com questões relacionadas ao desenvolvimento moral. O trabalho está organizado em duas etapas: primeiro analisamos qual é a formação dos professores para realizar projetos de educação em valores e/ou educação moral em escolas públicas brasileiras; num segundo momento traçamos considerações com base na Psicologia da Moralidade sobre qual é o papel e a importância da formação do professor nessa área de ensino.

Dessa forma, inicialmente, analisamos qual formação é dada aos professores para desenvolver projetos de educação moral ou em valores em escolas públicas brasileiras do ensino fundamental e médio. Para tanto, analisamos os dados da pesquisa **“Projetos bem sucedidos de Educação: em busca de experiências brasileiras”**, que contou com um grupo de pesquisadores participantes da ANPEPP (Associação Nacional de Pós-graduação em Psicologia), pertencentes a diferentes universidades brasileiras. Esta pesquisa foi desenvolvida nos anos de 2008 a 2010 e contou com o auxílio financeiro do CNPq¹.

Analisamos 100 experiências retiradas do banco geral de dados da pesquisa. Essas experiências foram desenvolvidas na região Oeste do Estado de São Paulo e Estados ao Norte do país: Acre, Tocantins e Rondônia. Discutimos, sucintamente, esses projetos no que tange aos temas, meios, finalidades, número de participantes, tempo de duração e a relação dessas experiências com a comunidade extraescolar. Sobretudo, enfatizamos sobre qual é a formação recebida para realizar essas experiências e as lacunas nos projetos decorrentes, possivelmente, da falta de formação nessa área.

Em um segundo momento, com base em Serrano (2002), Puig (2007), Jares (2005) e La Taille (2009) faremos considerações sobre o papel e a importância da formação dos professores nessa área de ensino.

A Educação em valores apresenta-se como uma urgência pedagógica, tanto na fala de educadores como de autores na literatura, devido, entre outros fatores, à crise de valores da sociedade atual (JARES, 2005; LA TAILLE, 2009; LA TAILLE e MENIN, 2009). Há, também, um crescente reconhecimento que a educação dos jovens, sobretudo em questões relacionadas à formação moral, é uma ação complexa.

Inicialmente, se faz necessário explicitarmos o que entendemos por Educação em Valores. Consideramos Educação em Valores e Educação Moral como sinônimos, pois muitas vezes quando os educadores se referem ao âmbito da Educação em valores, estão explícitas escolhas e finalidades morais (Menin et al, 2010, p.3).

Adotamos, como ponto de partida, que essa educação deve envolver “todas as ações educacionais relacionadas ao desenvolvimento valorativo do sujeito. Por isso, deve constituir um âmbito de reflexão individual e coletiva que permita elaborar racional e autonomamente princípios gerais de valor” (SERRANO, 2002, p. 62). Assim, a Educação Moral deve basear-se na construção racional e autônoma de princípios e normas universais.

A educação moral deve possibilitar subsídios para que o aluno seja capaz de analisar criticamente sua realidade social e as normas sócio morais vigentes a fim de idealizar formas mais justas de convivência, tanto na escola como na comunidade. Além disso, busca-se “[...] aproximar os educandos de condutas e hábitos mais coerentes com os princípios e as normas que tenham constituído” (SERRANO, 2002, p. 62).

No entanto, é preciso que consideremos a sociedade em que essa Educação em valores pode se dar. Sabemos que nas últimas décadas ocorreram profundas transformações na economia, na política, na sociedade e na cultura. Alguns autores (LIBANEO, 2002; JARES, 2005) apontam que isso se deu em função da Globalização e da Ideologia Neoliberal.

Há três características básicas da ideologia Neoliberal: mudanças nos processos de produção associadas aos avanços científicos e tecnológicos, superioridade do livre funcionamento do mercado na regulação da economia e redução do papel do Estado. (LIBÂNIO, 2008).

Jares (2005) entende a Globalização Neoliberal como um processo construído, e não natural, por uma minoria rica. O autor aponta

algumas conseqüências advindas dessa nova estrutura social: a crescente desigualdade econômica entre países; distanciamento cada vez maior entre os mais ricos e os mais pobres, mesmo num mesmo país; a piora nas condições de vida entre os mais pobres, diminuição das políticas sociais, entre outros.

Houlart (2002) aponta a globalização como o tipo de sociedade mais desigual de toda a história da humanidade, devido ao empobrecimento do Estado do Bem-Estar, pela precarização do trabalho e a instalação de uma cultura da incerteza, o aumento da dívida externa dos países pobres, bem como, por meio retrocesso das ajudas ao desenvolvimento. (HOUTART, 2002 apud JARES, 2005).

Assim, a globalização Neoliberal tem diversas conseqüências para a Educação, tanto na forma da ação educativa, em sua didática e organização, como na sua dimensão política. As conseqüências da Globalização Neoliberal para a Educação são mostradas por Jares (2005) com base na transformação da Educação como um direito, para a inclusão na cidadania, para a Educação como uma mercadoria. Para o autor, tal como acontece na indústria, passa-se a buscar na escola a eficácia, a produtividade, a fomentar a competitividade, a liberdade dos “consumidores”, agora alunos e pais.

Nessa perspectiva, a educação torna-se um bem de consumo e os mais ricos escolhem as melhores escolas; os diretores tornam-se administradores; obriga-se a escolas a buscar financiamentos externos; dão-se prêmios ou mais ajuda às melhores escolas, em vez das com mais dificuldades; o discurso pedagógico e as formas de avaliação ficam impregnadas de vocábulos e parâmetros técnicos, análogos aos empregados no mercado; há uma obsessão pela eficácia e medidas objetivas da mesma; fomenta-se o individualismo e o conformismo, cada um vê no outro um rival e o êxito ou fracasso são explicados de forma individual, ou seja, capacidade, esforço e escolhas pessoais. (JARES, 2005)

As escolas ficam submetidas às flutuações do mercado e são guiadas por ele. Tudo isso fica “encoberto pela imagem da excelência, da qualidade, da competitividade, da eficácia, de melhores resultados, etc.” (JARES, 2005, p.41).

Nesse contexto, e sem a pretensão de esgotá-las, algumas indagações fazem-se necessárias: Como educar moralmente em uma sociedade pautada pelo individualismo e pela competitividade? O professor está preparado para trabalhar com valores? Qual o papel do professor nessa nova configuração social?

A PESQUISA SOBRE PROJETOS BEM SUCEDIDOS

Esse artigo foi organizado em duas etapas. Inicialmente analisamos qual é a formação recebida para desenvolver projetos de Educação em Valores em escolas públicas do Ensino Fundamental e Médio por meio da pesquisa “Projetos bem sucedidos de Educação Moral: em busca de experiências brasileiras”. Analisamos, também, as lacunas nessas experiências causadas, possivelmente, por falta de formação na área. Num segundo momento, discutimos o papel e a formação do professor na Educação em Valores, por meio da literatura da Psicologia da Moralidade.

Os dados utilizados na pesquisa “Projetos bem sucedidos de educação moral: em busca de experiências brasileiras” foram coletados, após contato e autorização das Secretarias de Educação dos Estados, através de questionários na forma *on-line* ou escrita aplicados junto a diretores, coordenadores pedagógicos e professores de escolas públicas de ensino fundamental (6º ao 9º ano) e médio de diferentes estados brasileiros.

Nesse artigo, discutimos, sucintamente, esses projetos no que tange aos temas, meios, finalidades, número de participantes, tempo de duração e a relação com a comunidade extraescolar. Sobretudo, enfatizamos qual a formação recebida para realizar essas experiências e as lacunas nos projetos decorrentes, possivelmente, da falta de formação nessa área.

FORMAÇÃO DO PROFESSOR PARA DESENVOLVER PROJETOS DE EDUCAÇÃO MORAL – ANALISANDO AS EXPERIÊNCIAS

A partir dos resultados obtidos na pesquisa, podemos perceber que os temas das experiências foram variados incluindo desde o ensino de valores até o combate às drogas e a indisciplina na escola; os métodos utilizados foram também diversos apresentando desde métodos participativos até transmissão e imposição de conteúdos pelo professor; as finalidades se apresentaram, principalmente, como o combate à violência e agressividade dos alunos; constatamos que grande parte dos projetos não teve qualquer tipo de relação com a comunidade; constatamos também um grande número de participantes nos projetos de ambas as regiões; o tempo de duração dos projetos da região Oeste do Estado de São Paulo foi em média de um ano, mas, por outro lado, na região Norte a média de duração das experiências foram de um a três meses e, por fim, as mudanças no ambiente escolar relacionaram-se, principalmente, com as melhorias nas atitudes e no comportamento dos alunos.

Dentre as 100 experiências desenvolvidas, apenas 30% dos agentes escolares tiveram algum tipo de formação. Dentre os que receberam formação, parte dos sujeitos da região Oeste do Estado de São Paulo (17%), realizaram cursos oferecidos pelas Secretarias Municipais ou Estaduais de Educação e/ou Conselhos Estaduais de Educação, sendo que nenhum agente escolar relatou que participou de cursos oferecidos pelo MEC ou por Universidades. Por outro lado, na região Norte, 8% dos cursos realizados pelos agentes escolares foram cursos do MEC, do Governo Federal ou cursos oferecidos pelas Universidades.

Constata-se, portanto, que parece não haver grande preocupação, por parte dos setores públicos, em relação à formação dos profissionais da educação para trabalhar com questões relacionadas à Educação Moral.

Sobretudo, apesar de haver pouca formação nessa área, os projetos de Educação Moral acontecem, em grande parte, por motivação pessoal de um professor ou coordenador pedagógico.

Porém, podemos destacar algumas lacunas provenientes, possivelmente, da falta de formação nessa área. O tema que mais compareceu

nos projetos desenvolvidos pelas escolas do Estado de São Paulo é o Ensino de valores (27%), tais como: respeito, respeito e/ou conservação do meio ambiente, solidariedade, amizade, paz, união, cooperação, tolerância, boas maneiras, honestidade, e humanidade. Porém, constatamos que alguns valores adotados como tema não se referem a valores morais, tais como “boas maneiras”, pois, assim como aponta La Taille (2009), há uma mistura de valores sendo que, a rigor, tudo é valor e nada é valor.

Destacamos, também, que em relação aos temas somente poucas experiências se remeteram ao desenvolvimento da autoestima do aluno, e fizeram isso através da busca de formação profissional e de formação política dos alunos, tais como: Direitos trabalhistas, formação política e voto consciente.

Em relação às finalidades apresentadas, ou seja, por que a experiência aconteceu, observamos que 27% dos respondentes da região Norte apresentaram como finalidade a diminuição da violência e de conflitos, bem como, a melhoria das relações na escola e a disciplina da sala. Acreditamos que essas finalidades podem estar relacionadas a problemas imediatos e internos da escola, sem que seja realizada uma educação em longo prazo.

Finalidades como consolidar a autoestima, suprir a falta de expectativas e dar uma visão de futuro para o aluno foram pouco apontadas pelos agentes escolares dentro dos Projetos de Educação Moral. Em relação a isso, La Taille (2009) aponta que, devido a certas consequências da contemporaneidade, os jovens estão vivendo uma ausência ou medo em relação ao projeto de vida, sendo que o importante “é o aqui e agora, o que importa é não envelhecer, não pensar no amanhã” (2009, p. 43), seguindo assim o lema do “Carpe diem”. Mas, para o autor, essa é a mais negativa forma de estruturação de valores, pois, principalmente os jovens, vivem de forma desesperada o presente. Nesse sentido, é necessário que a escola ofereça possibilidades de pensar o futuro, fazendo com que os alunos reflitam sobre o amanhã, ou seja, que respondam à pergunta: Quem eu quero ser?

Outra categoria pouco apontada como finalidade é aquela relacionada ao respeito à diversidade cultural, a discriminação, ao repúdio e ao combate ao preconceito. Sobre essa categoria, o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos propõe o debate e a reflexão constante sobre o enfrentamento das diversas formas de discriminação. (BRASIL, 2009).

Apesar de pouca incidência, alguns projetos utilizaram como método a transmissão dos temas/valores pelo professor, que nos pareceu ocorrer sem a reflexão e participação ativa dos alunos, com a utilização de data-show e exercícios escritos. Cabe destacar aqui, que este método pode não ser considerado como bem sucedido, pois Piaget (1930/1998; 1932/1977) apresenta o método ativo como o mais favorável para desenvolver na criança aspectos como a responsabilidade, justiça, verdade, objetividade e cooperação mútua. Puig (2007) reforça que a escola, que busca formar para a cidadania, deve permitir que os alunos sejam protagonistas, com papel menos testemunhal e mais ativo, na classe, nas assembleias e nos conselhos. Enfim, formar na escola uma cultura de deliberação e cooperação.

Constatamos que o tempo de duração das experiências na região Norte foram curtas, quase metade delas duraram apenas 30 dias. O que pode demonstrar uma descontinuidade do projeto, ou então, que esses projetos foram atividades pontuais como, por exemplo, a semana da cidadania.

Destacamos que grande parte dos projetos não manteve qualquer tipo de relações com a comunidade ao redor da escola. Acreditamos, assim como Araújo (2007), que para a Educação Moral efetivamente acontecer nas escolas é preciso "[...] uma articulação dessas ações com [...] a comunidade onde vive a criança, de forma que tais preocupações não fiquem limitadas aos espaços, aos tempos e as relações escolares" (p. 38). Ou seja, essa educação deve responder aos problemas sociais apresentados pela comunidade. Além disso, a escola deve, sem abrir mão de suas especificidades, estar em contato com seu entorno, para que haja a participação da comunidade em seus processos educativos.

O PAPEL E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR PARA A EDUCAÇÃO MORAL - INDICAÇÕES DA LITERATURA NA ÁREA

Para Serrano (2002), o professor é responsável direto e elemento chave para a reforma educacional, na Educação Moral não é diferente. Assim, o primeiro ponto a ser superado é a crença, por parte de alguns professores, que a educação em valores deve vir apenas de casa, ou seja,

transmitidos unicamente pelas famílias. Acreditamos que valores como respeito, solidariedade e justiça devem ser trabalhados conjuntamente com a família e caso esta não o faça é papel da escola.

Para tanto, é necessário ter claro o papel do professor nessa área do ensino. Segundo Serrano (2002), o papel do professor “(...) não é transmitir conhecimentos acerca da moral e dos direitos humanos, e sim despertar nos alunos uma nova sensibilidade para esses tipos de valores, um envolvimento afetivo no fomento destes, assim como provocar uma mudança em seus comportamentos” (SERRANO, 2002, p. 59). Para isso, segundo a autora, deve-se contar com alguns princípios orientadores.

É necessário que os professores adotem “critérios de comportamento que permitam desenvolver o currículo de maneira que exista coerência harmônica entre objetivos, os conteúdos e as atividades” (SERRANO, 2002, p. 73). Portanto, é papel dos professores:

- Ajudar os alunos a desenvolver seu próprio pensamento moral e alcançar suas próprias conclusões sobre critérios morais;
- Manifestar respeito com a verdade, sendo necessário desenvolver não apenas o conhecimento, mas também a compreensão e a consciência crítica;
- Propor, além do desenvolvimento da capacidade intelectual, o desenvolvimento de outras qualidades emocionais ou afetiva, já que a pessoa educada moralmente deve chegar a valorizar a conduta moral, reconhecer sua importância e comprometer-se com ela; (IEPS, apud, SERRANO, 2002, p.74)

Serrano (2002) ainda aponta que o professor encontra-se diante de três aspectos básicos em seu trabalho cotidiano:

- A necessidade de tomar consciência das diversas tarefas morais que ocorrem em classe, antes que os próprios alunos o façam.
- O reconhecimento da dimensão moral de várias interações professor-aluno.
- A distinção entre os tipos de interação social que são mais efetivos para o desenvolvimento moral. (SERRANO, 2002, p.74).

La Taille (2009) aponta que para que a Educação Moral ocorra nas escolas é necessário criar um *convívio escolar* que, segundo o autor, “deve ser a expressão concreta da moral que se pretende legitimar. Nesse convívio, a cooperação e o zelo pelo bem coletivo são essenciais” (LA TAILLE, 2009, p. 273). O convívio escolar deve ser pensado e elaborado pelos membros da escola, incluem-se aí os professores. No convívio escolar deve-se enfatizar atitudes como respeito, cooperação e solidariedade em detrimento do individualismo e da competição. Dessa forma, defendemos que os professores podem fazer a diferença no desenvolvimento moral dos alunos e, para tanto, é preciso proporcionar um ambiente cooperativo e de respeito mútuo na escola.

Para Puig (2007) os planos de formação inicial e constante dos docentes para essa área devem prover uma base teórica sobre como lidar com questões relacionadas ao âmbito moral, ou seja, “desenvolver planos de formação inicial e permanente dos professores que deem uma visão clara do que é e como tem de ser trabalhada a educação moral e cívica” (PUIG, 2007). Complementando essa ideia, Gallego (2009) aponta a relevância da reflexão desses docentes sobre sua própria prática diária em relação ao desenvolvimento moral de seus alunos.

Em uma pesquisa realizada por Silva, Martins e Cruz (2006) comprovou-se que apesar de reconhecer a importância da escola e da sua própria atuação no desenvolvimento moral dos alunos os professores não possuem domínio da teoria do desenvolvimento moral e muitas vezes adotam orientações do senso comum para tratar dessa temática nas escolas.

Essa ausência de formação pode acarretar atitudes contrárias àquelas propostas pelos autores da Educação Moral. Menin (2002) aponta que “Há posturas doutrinárias, de acordo com as quais se acredita que um conjunto de valores, considerados fundamentais, devem ser transmitidos prontos a todos, como verdades acabadas”. Pode acontecer também, que a escola, justamente por falta de formação, se exime de dar qualquer tipo de educação moral por conta de um relativismo moral.

Para finalizar, Hochleitner (1990) aponta que:

O fator primordial são os professores, cuja participação ativa na formulação de conteúdos, na escolha de métodos e meios de ensino,

assim como no funcionamento de cada escola, deve promover e assegurar. Sem dúvida, trata-se da tarefa profissional mais delicada, importante e difícil quando bem realizada. [...]. Eis porque é realmente indispensável tentar oferecer uma formação no mais alto nível possível e assegurar o aperfeiçoamento periódico, junto com todos os estímulos intelectuais, sociais, e econômicos que possam merecer, além da supervisão ou orientação técnica que emane de uma sólida pesquisa educacional para o desenvolvimento. (HOCHLEITNER, apud SERRANO, 2002, p. 33)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos constatar com tudo o que foi exposto, que Educar em Valores é importante e necessário nos dias atuais.

Destacamos que experiências de Educação Moral podem acontecer em escolas públicas, mesmo sem uma formação específica. Por outro lado, acreditamos que essas lacunas apresentadas nos projetos devem-se, em grande parte, ao fato de parte das experiências serem realizadas sem qualquer tipo de formação na área. O que poderia ser superado se houvesse investimento, por conta dos segmentos sociais, nessa área de Educação. O que destacamos aqui é que para que ocorra o desenvolvimento moral da melhor maneira possível se faz necessário que os professores tenham um mínimo de formação nessa área.

Em nossa experiência nos cursos de formação de professores comprovamos ser pouca tal formação e muitas vezes elas apenas ocorrem pela iniciativa de um professor, já que essa temática não está nos currículos oficiais do curso de Pedagogia e das licenciaturas. Assim, acreditamos que seja necessário incluir essa temática nos cursos de formação de professores.

Menin et al. (2010) aponta para a urgência de parcerias entre a universidade e os estudiosos na área da educação moral com as instituições de educação básica e seus professores para a oferta de uma formação adequada aos mesmos tornando possível a estruturação e acompanhamento de bons projetos de Educação Moral.

Para finalizar, não julgamos que cabe apenas ao professor educar seus alunos, mais do que isso, acreditamos que é a escola como um todo que deve tomar para si a tarefa de educar moralmente e, nesse processo, a

formação dos professores é indispensável para se pensar em um trabalho significativo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, U. F. A construção social e psicológica dos valores. In: ARAÚJO, Ulisses F.; PUIG, Josep Maria; ARANTES, Valéria Amorim (org). *Educação e valores: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus, 2007. (Coleção pontos e contrapontos).

BRASIL, Secretaria de Educação Básica; *Lei Federal nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996*. Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Brasília: 1996. Disponível em: <www.mec.gov.br> Acesso em: 15 de novembro de 2009.

JARES, Xésus R. *Educar para a verdade e para a esperança*. Em tempos de globalização, guerra preventiva e terrorismos. Porto Alegre: Artmed, 2005.

LA TAILLE, Y. *Formação ética: do tédio ao respeito de si*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S. *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MENIN, M. S. S. Valores na escola. *Educação e Pesquisa*, v. 28, n. 1, p. 91-100, 2002.

MENIN, M. S. S.; ZECHI, J. A. M. D; SILVA, C. C. M; OLIVEIRA, A. P. Educação Moral ou em Valores nas escolas: concepções de educadores em escolas públicas brasileiras. In: Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sul, 8., 2010, Londrina. *Anais...* Londrina, 2010. p.1-12.

PIAGET, J. *O julgamento moral na criança*. São Paulo; Mestre Jou, 1977. (Original publicado em 1932).

PIAGET, J. Os procedimentos da educação moral. In: PARRAT, S.; TRYPHON, A. *Sobre a pedagogia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. (Original publicado em 1930)

PUIG, Josep Maria. Aprender a viver. In: ARAÚJO, Ulisses; PUIG, Josep Maria; ARANTES, Valéria Amorim (org). *Educação e valores: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus, 2007. (Coleção pontos e contrapontos).

SERRANO, G. P. *Educação em valores: como educar para a democracia*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SILVA, I. A.; MARTINS, R. A.; CRUZ, L. N.; Valores do ponto de vista dos professores do Ensino Fundamental e médio. Disponível em: <http://www.assis.unesp.br/encontrosdepsicologia/ANAIS_DO_XIX_ENCONTRO/66_IZABELLA_ALVARENGA_SILVA.pdf>. Acessado em 01 de maio de 2011.

¹ Pesquisa financiada pelo CNPq processo nº 470607/2008-4, que contou com pesquisadores de diversas regiões do Brasil: Maria Suzana de Stefano Menin (coordenadora da pesquisa); Maria Teresa C. Trevisol (vice-coordenadora); Alessandra de Moraes Shimizu; Ana Valéria Lustosa; Denise Tardeli; Heloisa M. Alencar; Juliana Ap. M. Zechi; Leonardo Lemos de Souza; Luciana S. Borges; Márcia Simão; Patrícia Bataglia; Raul Aragão Martins; Solange Mezzaroba; Ulisses Ferreira Araújo; Valéria Amorim Arantes de Araújo.